

Nem eu, nem você e nem ele: o morfema relacional em hierarquia de pessoa e marcação diferenciada de objeto no Kadiwéu

Neither you nor I nor he: the relational morpheme in person hierarchy and differential object marking in Kadiweu

Filomena SANDALO
(Unicamp)

RESUMO

Em kadiwéu, uma língua Guaikurú, a pessoa do objeto afeta concordância e ordem de constituintes. O verbo deve ser marcado por um morfema relacional se o argumento interno for de primeira ou segunda pessoa, e um morfema de concordância de pessoa ocorre seguindo a hierarquia 1p|OBJ>2>1>3. Além disso, um argumento de primeira ou segunda pessoa deve preceder o verbo (ordem OV, o relacional ocorre), mas um argumento de terceira pessoa segue o verbo (ordem VO, o relacional não ocorre). Este trabalho argumenta que o morfema chamado de relacional é um morfema de concordância. Nesta abordagem, trata-se de um morfema empobrecido que marca concordância com um argumento interno deslocado. Mais especificamente, este trabalho argumenta que os morfemas de pessoa do kadiwéu são concordância de TP, mas o chamado relacional é concordância de vP revertida para [-autor, -participante]. Este trabalho desenvolve ideias de Rodrigues (1990) sobre neutralização de pessoa.

Palavras-chave: *Morfema relacional; concordância; hierarquia de pessoa; empobrecimento de traços.*

ABSTRACT

In kadiwéu, a Waikurúan language, the person of the object affects agreement as well as constituent order. The verb must be marked by a relational morpheme if the internal argument is first or second person, and a person agreement morpheme appears according to the 1plOBJ>2>1>3 hierarchy. Moreover, first/second person internal arguments must precede the verb (OV order; the relational is marked) but third person internal arguments follow it (VO order; no relational marker). This work presents the claim that the so-called relational morpheme is an agreement morpheme. According to this view, it is an impoverished morpheme that marks agreement with a dislocated internal argument. More specifically, this work claims that kadiwéu person agreement prefixes are TP agreement, whereas the so-called relational is vP agreement reversed to [-author, -participant]. This work develops Rodrigues's (1990) ideas on person neutralization.

Key-words: *Relational morpheme; agreement; person hierarchy; feature impoverishment.*

1. Introdução

Aryon D. Rodrigues, em 1990, escreveu um artigo com *título* *You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá* que propõe que o sistema de marcação de pessoa no tupinambá pode ser decomposto tendo como parâmetros (i) a neutralização de contraste entre o falante/ouvinte e (ii) a focalização de terceira pessoa.

Neste trabalho, retomo as ideias de Rodrigues, reinterpretando-as dentro do quadro da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), para discutir fenômenos de marcação de pessoa em kadiwéu, língua da família Guaikurú. Não se trata, entretanto, de aplicar as ideias de Rodrigues; este artigo inspira-se em ideias de Rodrigues e traz uma nova abordagem para fenômenos de concordância.

No kadiwéu, se o objeto direto for de primeira ou segunda pessoa, o verbo deve ser marcado pelo tão chamado morfema relacional (ver Rodrigues 1953 para o tupinambá) e o objeto direto, se fonologicamente realizado, deve aparecer frontado (ordem SOV). Rodrigues (1990:

401) apresenta a ideia de que “a relational prefix in transitive verbs refers to a 3rd person object”. Eu defenderei a ideia de que não se trata de terceira pessoa propriamente, mas de uma concordância completamente neutralizada em traços de pessoa com um objeto deslocado à esquerda. Uma concordância que não é nem com primeira, nem com segunda e nem com terceira pessoa. É sub-especificada.

Neste tipo de abordagem, fatos de hierarquia de pessoa e marcação diferenciada de objeto poderão também ser capturados.

2. Neutralização de traços

Rodrigues (1990: 395) levanta a hipótese de que o contraste entre falante e ouvinte pode ser destacado ou neutralizado por meio de foco. O contraste é destacado quando ou o falante ou o ouvinte é trazido para foco, em exclusão do outro, mas o contraste é neutralizado quando ambos o falante e o ouvinte são conjuntamente focalizados.

A hipótese de decomposição e neutralização de traços vem da escola estruturalista de Praga e está presente também no quadro da Morfologia Distribuída (MD). Halle (1997), dentro deste quadro, propõe decompor marcação de pessoa em termos de traços binários. Nesta visão, a informação de pessoa é decomposta binariamente por traços de [autor] e [participante]. A combinação binária desses dois traços resulta nas seguintes possibilidades segundo Halle:

- (1) Traços de pessoa segundo Halle (1997)
 - a. [+autor,+participante] = 1 pessoa
 - b. [-autor,+participante] = 2 pessoa
 - c. [-autor, - participante] = 3 pessoa
 - d. [+autor, - participante] = 1 pessoa exclusiva

Muitas línguas brasileiras apresentam um fenômeno conhecido como hierarquia de pessoa. Este fenômeno é um termo descritivo que indica que há restrições em combinação de pessoas.

Fenômenos de restrição de combinação de marcação de pessoa não são próprios apenas de línguas ameríndias da América do Sul, entretanto. Em línguas românicas, este fenômeno pode se manifestar em processos de cliticização. Por exemplo, em português, terceiras

pessoas podem ser combinadas (*lho/lha/lhos*). Também pode haver fusão de clíticos se um dos argumentos for de terceira pessoa (*mo/ma/mos*). Mas combinações de primeira e segunda pessoas são impossíveis (cf. *Ele me te apresentou).

Um outro exemplo vem do espanhol. Em espanhol, a ordem linear de pronomes clíticos também é regida morfológicamente por hierarquia de pessoa. Nesta língua, os argumentos internos do verbo, quando pronomes clíticos de terceira pessoa, não podem aparecer na seqüência $\text{Pron}_{\text{Dativo}} > \text{Pron}_{\text{Acusativo}}$ (cf. exemplo 2 abaixo). Quando isso ocorre, o primeiro clítico (i.e. aquele marcado com Caso dativo) sofre uma mudança morfofonológica sendo realizado como *se* :

- (2) a. *A Pedro, el premio, le lo dieron ayer
b. A Pedro, el premio, se lo dieron ayer

Arregi e Nevins (2007) e Nevins (2007) explicam o fenômeno do espanhol partindo da proposta de decomposição de pessoa em traços como em Halle (2007) e de neutralização. Para os autores, a restrição de pessoa em (1) deriva de uma regra morfológica que bloqueia a realização adjacente de raízes com um mesmo valor para um determinado traço, gerando neutralização de traços. Trata-se de uma fenômeno resultante da Teoria da Marcação (Zwicky, 1978).

Segundo a análise de Arregi e Nevins (2007), o espanhol proíbe a realização de duas categorias do mesmo tipo adjacentes com o traço [-participante]. Quando isso ocorre, a morfologia do espanhol reajusta a estrutura, desligando o traço de participante da morfema mais saliente na estrutura. Assim, um clítico de terceira pessoa é realizado como *se*, um elemento gerado por empobrecimento de traços. Em outras palavras, um elemento sub-especificado é gerado por uma regra de empobrece (i.e. desliga) os traços de [participante].¹

1. Ver Bonet (1991) para uma discussão detalhada do conceito de empobrecimento na MD.

3. O relacional no kadiwéu

Neste trabalho, levanto a hipótese de que o relacional é um morfema de concordância sub-especificado como o *se* do espanhol tratado por Arregi & Nevins (2007).

No kadiwéu, embora haja concordância com sujeito, objeto direto e objeto indireto, os morfemas de concordância com o sujeito e com o objeto direto estão em distribuição complementar.

O verbo no kadiwéu concorda com o sujeito se o argumento interno for de terceira pessoa, mas concorda com o objeto se este for de primeira ou segunda pessoa e o sujeito de terceira pessoa. Isto é, a terceira pessoa é despreferida para concordância e apenas ocorre se sujeito e objeto forem de terceira pessoa. Neste caso, o verbo concorda com o sujeito (cf. *José yema*: ‘José gosta dele/dela’, onde *y-* é marca de 3 pessoa sujeito transitivo).

- | | | | |
|-----|---|-----|--|
| (3) | id:ema:
<i>i-d:-ema:n</i>
<i>1OBJ-relacional-querer/amar</i>
‘Ele/ela me ama’ | (4) | jema
<i>j-ema:n</i>
<i>1SUJ-querer/amar</i>
‘Eu o/a amo’ |
| (5) | Gad:ema:ni
<i>Ga-d:-ema:n-i</i>
<i>2OBJ-relacional-querer/amar-pl</i>
‘Ela/ela ama você/vocês’ | (6) | jemanaGa
<i>j-eman-aGa</i>
<i>1SUBJ-querer/amar-pl</i>
‘Nós o/a amamos’ |

Quando nenhum dos argumentos do verbo é de terceira pessoa (i.e. ambos os argumentos são de primeira e de segunda pessoa), então prevalece a hierarquia (2>1). Isto é, o verbo concordará com o argumento de segunda pessoa:

- | | |
|-----|--|
| (7) | Gad:ema:ni
<i>Ga-d:-ema:n-i</i>
<i>2OBJ-relacional-querer/amar-pl</i>
‘Eu amo você/vocês’ |
| (8) | ad:ema:ni
<i>a-d:-eman-i</i>
<i>2SUJ-relacional-quer/ama-pl</i>
‘Você me ama’ |

Observe nos exemplos acima que a presença de um objeto de primeira ou segunda pessoa requer a presença de um prefixo relacional no kadiwéu, independentemente da pessoa marcada no prefixo de concordância. Nota-se ainda em (11) e (12) que quando o relacional está presente, o argumento interno, se fonologicamente realizado, deve preceder o verbo (SOV). Note em *e: jema: José* ‘Eu amo José’ que o objeto pode ocorrer na posição pós-verbal no caso de ser de terceira pessoa.

(11) aqa:mi e: ad:ema:ni
2pronome 1pronome 2SUJ-relacional-amar/querer-pl
Você me ama.

(12) e: aqa:mi Gad:ema:ni
1pronome 2pronome 2OBJ-relacional-amar/querer-pl
‘Eu amo você.’

O deslocamento do argumento interno para à esquerda sugere voz inversa (ver Sandalo 2009 para uma discussão detalhada) e sugere também a focalização mencionada por Rodrigues. De acordo com Gildea (1994), línguas que apresentam voz inversa são aquelas nas quais sentenças transitivas podem ser expressas tanto a partir de construções diretas ou inversas. A construção direta é usada quando o sujeito da sentença transitiva é mais saliente que o objeto, em termos de hierarquia de pessoa, animacidade ou obviação. Por outro lado, a construção inversa é usada nos casos em que o objeto é mais saliente do que o sujeito. Algumas línguas que apresentam um sistema inverso são o algonquiano, o athapaskano e o mixe-zoqueano. Por exemplo, em ojibwe, uma língua Algonquiana da América do Norte, o sistema inverso ocorre de acordo com a hierarquia de pessoa: 2 > 1 > 3proximativa > 3obviativa.

Assumimos aqui que se trata de voz inversa. Assim, em kadiwéu, a voz inversa é usada para objetos de primeira e segunda pessoas e conta com um deslocamento do objeto para fora do sintagma verbal. Demonstramos tal deslocamento a partir do uso de advérbios.

Kadiwéu não tem muitos advérbios, mas há *ejime* ‘talvez’, *jaG* ‘já’, e *eG* ‘ainda’. Estes advérbios podem ocupar as posições marcadas por (X) nos dados abaixo. Contudo, a sentença é agramatical se o advérbio estiver em uma posição marcado por (*).

Nem eu, nem você e nem ele...

- (13) Ecabigo (X) yema: (*) Ekode
Ecabigo 3SUBJ-amar Ekode
'Ecabigo ama Ekode'.
- (14) Ecabigo (X) aqa:mi (X) Gadema:ni
Ecabigo 2PRO 2OBJ-relacional-amar-pl
' Ecabigo te ama'.

Apresentamos, a seguir, exemplos com o advérbio *jaG* com as mesmas sentenças usadas em (13) e (14).²

- (15) Ecabigo ja yema: Ekode
(16) *Ecabigo yema: jeG Ekode
(17) Ecabigo jaG aqa:mi Gadema:ni
(18) Ecabigo aqa:mi jaG adema:ni

Os dados mostram que o advérbio não pode interferir entre o verbo e o objeto pós-verbal. Observe que o objeto é pós-verbal (ordem VO) quando este é uma terceira pessoa.

Contudo, objetos de primeira e segunda pessoa não podem figurar na posição pós-verbal. Estes devem ocorrer antes do verbo (ordem OV) e o morfema relacional aparece obrigatoriamente. Neste caso, o advérbio pode ocorrer entre o verbo e o objeto, o que indica que este argumento se deslocou para fora do sintagma verbal.

Em suma, os dados mostram que o objeto deslocado à esquerda ocorre antes de um advérbio, demonstrando um deslocamento para fora do sintagma verbal (Pollock 1989).

E em Nevins & Sandalo (2012) o morfema relacional foi entendido como indicativo de concordância com um argumento interno que passou pela borda de *vP*. Consideramos tal concordância como marca de [+participante], já que o elemento deslocado é de primeira ou segunda pessoa e é o traço [+participante] que especifica primeira e segunda sem distinção.

2. É importante mencionar que o advérbio *jaG* sofre duas regras fonológicas produtivas: (i) apagamento de /G/ antes de consoante em fronteira de palavra; e (ii) assimilação vocálica. Assim, *jaG* é pronunciado como *ja* em (15), como *jeG* em (16), e como *jaG* em (17) e (18).

Há um problema, entretanto, com a análise de concordância como [+participante] defendida em Nevins & Sandalo. Este morfema ocorre toda vez que o objeto é fronteado, independente de pessoa. Em verbos inacusativos e reflexivos e em voz média, o deslocamento é obrigatório independentemente de pessoa:

(19) ijo dinema: ‘Ele se ama’.

A ideia de Nevins & Sandalo de que o relacional é concordância com um argumento interno deslocado para a fronteira de vP é atrativa, no entanto não se trata de marcação de [+participante], uma vez que um argumento de terceira pessoa pode ser deslocado e marcado pelo relacional.

Trabalhando com o guarani, Freitas (2011) propõe que o relacional {h- ~ i-} do guarani é uma marca de concordância com o argumento interno [-participante] deslocado, e o relacional {r- ~ Ø-} é marca de concordância com o argumento interno [+participante].

Kadiwéu tem apenas um relacional e é um morfema de concordância subespecificada por pessoa similar ao *se* do espanhol visto acima. Ele marca, entretanto, concordância com qualquer sintagma nominal deslocado para a esquerda. Trata de um tipo de empobrecimento mais profundo rotulado de *obliteration* por Arregi e Nevins (2007), ou seja, de um apagamento de todo o nó de pessoa: um morfema sem nenhum traço de pessoa, mas que marca o deslocamento do objeto, ou seja, um concordância espúria com um objeto deslocado para algum especificador alto na estrutura sintática.

Em suma, a proposta é de que tanto a marcação de sujeito e objeto quanto o relacional são concordância. O relacional é um morfema de concordância com um elemento que passou pela borda de vP .

Rodrigues sugeriu que “a relational prefix in transitive verbs refers to a 3rd person object”. Nevins & Sandalo sugeriram que se trata de marcação de terceira [+participante]. Aqui defendemos que se trata de marcação de objeto como afirmou Rodrigues, mas uma concordância sem traços de pessoa.

Na seção seguinte trataremos da concordância de TP.

4. Hierarquia de pessoa

Como visto nos exemplos acima, em kadiwéu, o verbo concorda com o objeto de este for de primeira ou segunda pessoa e o sujeito de terceira. Combinações de primeira e segunda pessoa são banidas e a língua apresenta uma hierarquia $2 > 1 > 3$. A ideia de que hierarquia de pessoa é um fenômeno de empobrecimento de traços (ou neutralização como quer Rodrigues) nas línguas brasileiras foi usada em Nevins & Sandalo (2012) para o kadiwéu, em Freitas (2011) para o guarani, e em Sandalo (2013) e Freitas & Sandalo (2014) para o guarani e kadiwéu.

Em kadiwéu, um objeto de primeira/segunda pessoa se desloca para TP, como visto acima, criando um domínio para concordância de T que comporta dois argumentos, o externo e o interno, ambos em TP.

Nesta situação temos feixes de traços bastante complexos, unindo traços de argumentos internos e externos. Assim, se os feixes forem, por exemplo, [+autor, +participante] e [-autor, -participante], os traços marcados positivamente serão realizados gerando o fato de que terceira pessoa é sempre despreferida na marcação (1,2>3).

Nevins & Sandalo (2012) propuseram que um feixe de traços duplamente marcado [+autor, +participante] é empobrecido se estiver no contexto de presença de segunda pessoa, também marcado [-autor, +participante]. O traço de autor é neutralizado e o feixe restante é [+participante, -autor], ou seja, o expoente de segunda pessoa é realizado gerando o fenômeno $2 > 1$.

Segundo a análise de Nevins & Sandalo (2012), o padrão de concordância do kadiwéu é um epifenômeno de marcação como no espanhol. Ito e Mester (2003) mostram que traços são passíveis de restrições de co-ocorrência e Nevins (2007) e Nevins e Sandalo (2012) argumentam que hierarquia de pessoa é também o mesmo tipo de fenômeno. Obviamente as línguas podem divergir na resposta a este filtro, gerando a diversidade nos padrões de hierarquia de pessoa que podemos atestar nas línguas do mundo.

O filtro de kadiwéu foi formulado em Nevins e Sandalo (2012) do seguinte modo:

- (20) Estrutura banida = marcada + para ambos [participante] e [autor]
 onde $j \neq k$ e $j, k \in$ mesmo X°
 [+participant] Arg_j [+participant] Arg_k
 [+author, (+pl)] [-author]

O filtro diz que traços marcados positivamente são evitados são proibidos no kadiwéu. Segundo os autores, o feixe mais marcado materialmente (Zwicky 1978) é afetado por tal filtro, ou seja, o feixe da primeira pessoa ([+autor, +participante]), ou seja, o feixe com dois valores positivos.

Nesse caso, o traço de autor é empobrecido (i.e. neutralizado) gerando a hierarquia morfológica $2 > 1$ nesta língua. Ou seja, o traço de [+autor] é desligado resultando um feixe [-autor, +participante] e o expoente de segunda pessoa é realizado.

Há inúmeras evidências de que o fenômeno é puramente morfofonológico em kadiwéu, ou seja, resultado de neutralização de traço de pessoa no nível morfofonológico. Por exemplo, uma evidência de que o traço [+autor] continua ativo na língua vem do fato de haver antipassivização obrigatória quando o objeto indireto for de primeira pessoa no kadiwéu (ver Nevins & Sandalo para uma discussão detalhada).

Outra evidência crucial é o fato de que a primeira pessoa pode permanecer marcada morfológicamente se estiver fundida com traços de pluralidade. A primeira pessoa plural objeto, um morfema que une traços de pessoa e número, resiste ao empobrecimento no kadiwéu. Nesta língua, normalmente pessoa e número são fissionados (i.e. separados, sendo que pessoa é marcada por um prefixo e número por um sufixo, como pode ser notado no exemplo (6). Este não é o caso da primeira plural de objeto, entretanto. E, neste caso, não há empobrecimento e o verbo é marcado com a primeira pessoa:

- (21) aqa:mi oqo God:ema:
 aqa:mi oqom Go-d:-eman
 2pronomo 1plpronomo 1PLOBJ-relacional-amar
 ‘Você nos ama’

(cf. adema:ni ‘Você me ama’ em (7))

Se o fenômeno fosse morfossintático, esperaríamos um hierarquia $2 > 1$ consistente. Dado que o fato de fundir traços de pessoa e número em um dado expoente implica em resistência ao empobrecimento, temos evidência para supor que estamos diante de um fenômeno morfofonológico de neutralização.

Esta proposta tem um diálogo bastante claro com a proposta de neutralização de Rodrigues. E, em ambas, nota-se a influência da Escola de Praga com suas noções de traços e neutralização.

5. Marcação diferenciada de objeto

Rodrigues (1990) sugere que o sistema de referência pessoal do tupinambá é caracterizado por um conjunto de traços que inclui o contraste entre o falante e o ouvinte em um parâmetro, e a focalização da terceira pessoa em outro parâmetro. Discutimos agora o parâmetro de focalização de terceira pessoa, ou seja, a possibilidade de deslocar à esquerda uma terceira pessoa. No kadiwéu, há ocasiões discursivas que a terceira pessoa é marcada pelo relacional e nenhum morfema de sujeito ocorre. Este fenômeno ocorre quando ambos os argumentos são de terceira pessoa e há uma relação de dependência entre as sentenças, e o objeto da encaixada é informação nova:

- | | | | | |
|------|---------------|--------------|----------------|-----------|
| (22) | noGonidiaGidi | AneotedoGoji | joneGeniditeta | ikoa |
| | daí | Deus | chamou | estes |
| | Liwiqatedi | me | doletedibige | ikoa |
| | animais | para | procurar | estes |
| | | | | olicaGaGa |
| | | | | ladrões |

Pode-se observar que o verbo procurar na oração subordinada ocorre marcado pelo morfema relacional. Trata-se de um verbo transitivo com objeto de terceira pessoa. No kadiwéu, um verbo transitivo com objeto de terceira pessoa é normalmente marcado por concordância de sujeito e o morfema relacional não ocorre, mesmo em subordinadas do tipo controle (cf. 23).

- (23) niGina nad:i José me yicomagatike ika lad:igodi
 niGina n-ad:i José me y-icomagatije ika lad:igodi
 DEM antipassivo-ver José COMP 3SUJ-atraversar DEM rua
 ‘Ele viu José atravessar a rua’

O morfema relacional ocorre nesta língua, como vimos anteriormente, quando o argumento interno é fronteado, sendo uma marca de concordância de ν P segundo a hipótese levantada aqui.

O uso do relacional com argumentos internos de terceira pessoa foi notado em narrativas. Na análise de dez narrativas kadiwéu, notou-se que tal uso do relacional tem função de referência alternada, fenômeno conhecido como caracterizado pela presença de uma categoria flexional do verbo indicando se o sujeito da oração em questão é ou não idêntico ao sujeito de algum outro verbo. No caso acima, (22), o sujeito da principal é *Deus* e da encaixada é *estes animais*. O objeto direto é informação nova, ou seja, foco.

Os dados que apresentam o fenômeno, como mencionado acima, são de uma oração principal e uma oração subordinada, estando o morfema *d:-* no verbo da oração subordinada.

A hipótese levantada aqui é de que se trata de casos em que o objeto direto é alçado para fora do VP. Esta proposta está de acordo com a proposta de Jelinek & Carnie (2003) de que hierarquia de pessoa e marcação diferenciada de objeto são partes de um mesmo fenômeno: do fato de que, em algumas línguas, elementos com maior saliência devem ser fronteados na sintaxe, isto é, serem alçados para fora do VP. Ou seja, voz inversa. Assim, o elemento de concordância que ocorre no verbo é o da concordância de ν P.

6. Considerações finais

Neste texto, usei ideias de neutralização de pessoa para tratar de fenômenos de concordância. Também fiz uso da ideia de focalização de Rodrigues, aqui entendida como um deslocamento à esquerda do objeto. Não se trata da mesma análise de Rodrigues (1990), mas certamente inspirada por este texto. O texto de Rodrigues não pode, de

certo, explicar todos os fenômenos de hierarquia de pessoa nas línguas brasileiras. E nem este. Nem você, Aryon, e nem eu. Mas Aryon Rodrigues me deixou o interesse para pensar nesses fenômenos, e deixou uma pista. Eu tento fazer o mesmo.

Recebido em julho de 2014
Aprovado em agosto de 2014
E-mail: fsandalo@gmail.com

Referências bibliográficas

- ARREGI, Karlos & NEVINS, Andrew. 2007. *Obliteration vs. Impoverishment in the Basque g-/z- constraint*. Penn working papers in linguistics. Philadelphia, v. 13.1:1-14.
- BONET, Eulalia. 1991. *Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance*. Tese de doutorado. MIT, Cambridge, Mass.
- FREITAS, Maria Luisa. 2011. *Hierarquia de pessoa em ava guarani: considerações a partir da morfologia distribuída*. Unicamp. Dissertação de mestrado.
- GILDEA, Spike. 1994. Semantic and pragmatic inverse - “inverse alignment” and “inverse voice” - in Carib of Surinam. In: GIVÓN, T. *Voice and Inversion*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HALLE, Morris. 1997. “Distributed Morphology: Impoverishment and Fission.” *MIT Working Papers in Linguistics 30*. Cambridge, Massachusetts, p. 425-439.
- HALLE, Morris & Alec MARANTZ. 1993. A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: Kenneth HALE & Jay KEYSER (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- ITO, Junko & Armin MESTER. 2003. *Japanese Morphophonemics: Markedness and Word Structure*. Linguistic Inquiry Monograph 41. Cambridge, MA: MIT Press.
- JELINEK, Eloise & Andrew CARNIE. 2003. “Argument Hierarchies and the Mapping Principle” In: CARNIE, A; HARLEY, H; WILLIE, M. (eds.). *Formal Approaches to Function in Grammar*. In honor of Eloise Jelinek. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company, p. 265-296.
- NEVINS, Andrew. 2007. The Representation of Third Person and its Consequences for Person-Case Effects. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 25.2, p. 273-313.

- NEVINS, Andrew & Filomena SANDALO. 2011. "Markedness and morphotactics in Kadiwéu [+participant] agreement". *Morphology*. Volume 21.2:351-378.
- POLLOCK, Jean-Yves. 1989. "Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP". *Linguistic Inquiry*, v. 20, p. 365-424.
- RODRIGUES, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, v. 1, p. 121-152.
- RODRIGUES, Aryon D. 1990. You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá. In: PAYNE, D. (ed.) *Amazonian Linguistics studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press.
- SANDALO, Filomena. 2009. Person Hierarchy and inverse voice in Kadiwéu. *Liames* 9: 27-40.
- SANDALO, Filomena. 2013. Enfraquecimento posicionais e assimetrias em linguas indigenas. In: Leda BISOL & Gisela COLLISCHONN (eds.). *Fonologia: teorias e perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, p. 45-58.
- SANDALO, Filomena & Maria Luisa FREITAS. 2014. Uma hipótese morfofonológica para hierarquia de pessoa. In: José S. de MAGALHÃES. *Fonologia, Linguística in Focus 10*. Uberlândia: EDUFU, p. 37-50.
- ZWICKY, Arnold. 1978. On markedness in morphology. *Die Sprache* 24.2: 129-143.